

# SóPapos 2019

– Seções 1 a 5 –

MD Magno

## 1

1, 12 janeiro: Em análise, transmite-se a emergência de um estilo: o do analisando – Duas narrativas de conhecimento: as verossímeis e as verificáveis – Sintoma é algoritmo – O verossímil e o verificável são pensáveis considerando-se polo, foco e franja – Modelo da NovaMente (Cosmologia Libidinal) compatível com o Big Bounce adotado por Mario Novello.

• P – *Retomando a diferença que você fez ano passado entre comunicação e transmissão, lembrei-me de que, em um de seus Seminários antigos, você comenta que Lacan disse que o que se transmite em psicanálise é um estilo.*

Temos sempre que ter em mente que Lacan é um sacana.  
Que estilo?

• P – *O dele, Lacan?*

Não. Ao dizer que o que se transmite em psicanálise é o **estilo**, está falando do estilo do analisando. Ele dá essa dica nos *Escritos*.

• P – *Por exemplo, na última frase da Abertura dos Écrits, diz ele: “ Nous voulons du parcours dont ces écrits sont les jalons et du style que leur adresse commande, amener le lecteur à une*

conséquence où il lui faille mettre du sien”. *E, nas duas últimas frases do texto A psicanálise e seu ensino: “Cette voie est la seule formation que nous puissions prétendre à transmettre. Elle s’appelle: un style”.*

Se estivesse dizendo que era o estilo dele, Lacan, seria canalhice. Em análise, transmite-se a emergência de um estilo.

• P – *Clarice Lispector dizia que o de que gostaria mesmo é não ter estilo.*

Isto é impossível. Fiz longamente esse exercício num texto escrito entre 1964-1970, *Aboque/Abaque*. Podemos desmanchar o rosto, mas o estilo passa como fio vermelho. Em todas as tentativas que fiz de ser outra coisa, há um estilo. Quem transmite o próprio estilo é professor, pessoas desse tipo. O que Lacan está dizendo é que, em psicanálise, tenta-se transmitir algo que raramente se transmite, que nasça um estilo no outro. Se não, você é macaco, papagaio.

• P – *Na quarta capa da primeira edição de seu Aboque/Abaque, está escrito: “OUVIDO. Pensa-se que todo livro tem autor? Pois este, não: escrito por leitor. Claro que uma gente logo vai botar o escriba na manjada posição – de autoria –, o que aqui se justifica, só e se, notados nome e lugar. Mas, se você é leitor, tem de ter percebido que todo texto, comido e digerido, termina por virar bem outra geringonça na literária zorra milenar. Aí está”.*

É isso.

• P – *Desde cedo, em sua obra, você faz uma equivalência entre Patologia Fundamental e Estilística Fundamental a partir dos Quatro Sexos. Em Arte & Fato (1990), por exemplo, você retoma a história da arte e fala em quatro estilos...*

Minha indicação dos estilos como Clássico, Maneiro, Barroco e Tanático é pela *forma*, e não pela história da arte. Eu os reduzi a um movimento: Clássico é círculo; Barroco é espiral; Maneiro é Revirão; e Tanático é xis, é barrado. Como sabem, para mim, o Brasil não é barroco, é maneirista. E mais, nem houve clássico ou barroco aqui, produziu-se outra coisa. É só olhar direito em volta que verão. Eduardo Lourenço, quando veio ao Brasil, concordou comigo que o Brasil não era barroco. Vilém Flusser foi outro que declarou não ver barroco algum aqui. Portugal, aliás, é maneirista. O que é o estilo manuelino? É uma construção sempre em ambiguidade.

Faço um parêntese. Recomendo a leitura do livrinho de Umberto Eco, *Fascismo Eterno*. Foi lançado ano passado aqui, mas é uma conferência proferida em Nova Iorque, na Columbia University, em 1997. O fascismo está aí, cuidado! O fascismo é italiano, seu modelo é o nazismo alemão. Vem de *fascio*, que é o feixe de madeira carregado pelo lictor, aquele que, em Roma, abria caminho para os magistrados no meio do povo. Era a vara da lei. Para mim, e suponho que para outros também, toda tentativa de discurso único é fascista. Todos têm que estar dentro desse discurso. Já lhes disse que nosso momento é de fuga para

trás. Isso vai demorar muito. No caso do Brasil atual, em vez de assumirem o sintoma que é o nosso, jogá-lo para a frente com narrativas contemporâneas, assumem-no com narrativas regressivas de que a terra é plana, de criacionismo... Portanto, o fracasso já está delineado. A situação contemporânea é caótica. Basta o fato de reconhecerem que até uma noção científica é ficcional para, a partir disso, achar-se que um texto bíblico ou uma referência mitológica vale tanto quanto. Quem vota na verdade científica? Nos políticos, sabemos que é a gentalha que vota. Freud e Lacan deixaram claro que a psicanálise é aristocrática. Nela, não se trata de eleição para saber qual é a verdade, pois há regime de valor. Ou seja, sempre há o pessoal que está indo para a frente, pois sabe que vai para a frente, que os retardatários irão para o lixo. A tecnologia não cessará de avançar, queiramos ou não.

Faço a suposição de que, em matéria de conhecimento, existem **duas narrativas**: as **verossímeis** e as **verificáveis**. Não se pode fazer mais Gnoseologia do que isso. Na literatura, quanto a um romance, ou temos uma maluquice qualquer que não entendemos, ou há uma verossimilhança, parece-nos que aquilo se reporta a algum acontecimento. Já as narrativas científicas são aquelas verificáveis, em que se vai à realidade buscar uma tentativa de verificação. É assim até na matemática. É o máximo que se consegue. E há também o meio de campo, que é o mais difícil. Aí estão as ciências humanas, que vivem entre o

verossímil e o verificável. Se tomarmos os textos das ciências ditas humanas – da antropologia, da sociologia... –, veremos que a verossimilhança é certa descrição da situação que abordam. A antropologia tenta ter referências de tentativa de verificação – pesquisa de campo, etc. –, mas o discurso é de referência quase que romanesca. Falta-lhe a aproximação da realidade que os físicos, por exemplo, têm com maior aproximação. Só como polos de orientação é que definimos o verossímil e o verificável. Há muita coisa no meio: ciências humanas, sociais... Em que lugar se colocam aí?

Quais são as deficiências de narrativa na história da psicanálise? Já temos perspectiva suficiente para ver que o pobre do Freud só podia fazer o que fez, falar em mitologia, tragédia grega, Egito, puxar para lá, para cá... Ele foi buscar no mundo das ocorrências históricas e literárias coisas que pudesse comparar com o que achou. O pior é que colou. Está aí Édipo que não nos deixa mentir. E colou para lá e para cá, o que significa que achamos que era aquilo mesmo e, porque o achamos, o mundo passa a se referir a isso desse modo.

• P – *O verossímil tem data de validade?*

Sim. Mas a ciência dura também tem. Como isso é gradual, há as ciências humanas no meio, perdidas, fazendo romance com coisas até verificáveis. Definitivamente, sem volta, entramos nesse lugar, na era em que, como já disse, a prova de realidade é a realidade da prova. Não adianta pular para o espiritismo ou para

as ciências. Estamos diante de outro jogo, radicalmente diferente – mas jogável. Nós é que ainda não sabemos jogá-lo. Junto com isso há a extensa produção de lixo humano. Dizem que, em quinze anos, em função da robótica, desaparecerão quarenta por cento das profissões hoje existentes. Algoritmos computacionais tomarão conta.

• P – *Poderíamos dizer que, na análise de alguém, ocorre a percepção de que grande parte de sua vida é algoritmizada, algoritmizável?*

A psicanálise que é possível incrementar é via algoritmo. Lacan tentou pela topologia. O encaminhamento que dei é no sentido do algoritmo

• P – *O sintoma é um algoritmo?*

Sim. E muito bem desenhado. Ele segue passos acompanháveis. Basta escutar alguém um bom tempo que detectamos seu algoritmo lá em funcionamento. A pessoa está toda regrada, e sequencialmente. É tão neurótica quanto nossos telefones celulares, nos quais temos que apertar os botões em sequência para os resultados que esperamos. O psicanalista não faz isto, mas observa e busca onde dar um empurrão para a pessoa quebrar sua sequência sintomática.

• P – *O Revirão é possibilidade de suspensão do algoritmo?*

E mais, é HiperDeterminação dentro da repetição. Vejam que é uma escuta diferente daquela que havia antes. Freud, que era cheio de fobias, inventou o divã por não conseguir ficar

olhando para a cara do analisando. Com isso, perde-se muito, deixa-se de perceber coisas além do que é falado.

• P – *O verossímil em psicanálise depende de certa composição entre foco e franja? Frequentemente, ao escutar o analisando, temos a sensação de que está faltando um pedaço no que ele está dizendo.*

Às vezes, é **sonegação** mesmo. É trapaça, ele está roubando no jogo. Dado que o algoritmo funciona, percebe-se a falta de um pedaço. Quando escutamos alguém longamente, em determinado momento o algoritmo se mostra por inteiro e é possível ver qual é sua única questão.

• P – *Quando detecta isto, você fala para a pessoa?*

Geralmente, sim. Às vezes, são necessárias algumas décadas para se poder dizer e ela ouvir. Se houver precipitação, estraga-se o jogo.

O verossímil e o verificável são pensáveis considerando-se polo, foco e franja. O erro maior do estruturalismo foi, ao contrário, determinar qual era a estrutura do caso, dizer que era aquilo e ponto. Não é, pois há a franja. Por exemplo, para ditos lacanianos a estrutura do psicótico é a forclusão do Nome do Pai. E por aí vai. A busca era pela diferença entre as estruturas. Entre a da psicose e a da neurose, por exemplo. Daí eu ter jogado isso fora e dito que, na psicose, era um Recalque de alta intensidade. E não sabemos dizer qual é essa intensidade, pois, para cada pessoa, é uma. Algo que é bobagem para um, para outro tem um

peso enorme, foi hiperrecalcante. Todos somos candidatos à psicose. Há que saber qual formação está em jogo para cada um.

• *P – E o caso do psicopata?*

Quando pego em flagrante, ele desaba. E não é preciso de lei aí. Pode ser o caso de ele cair numa “real” insuperável. É difícil entendê-lo, pois ele pode revirar e está pouco se lixando. Ele tem que ser tocado num fracasso do processo em que se situa. Aí fica perdido e mal-ajambrado. Não surta, fica em pânico. Tem também reações psicossomáticas, o corpo desanda junto. Há certa ingenuidade nele, de achar que engana a todos o tempo todo.

• *P – Ele também é submetido à perversidade que aplica sobre os outros?*

Esta é a questão. Suponho que é preciso empurrá-la para a neurologia. Embora fale *en passant* do psicopata, acho que Ramachandran tem razão, é defeito de neurônios-espelho. Procurar um princípio psicanalítico para explicar a psicopatia não serve para nada.

• *P – O que você fala sobre a narrativa implica tudo do âmbito do Ser estar na ordem da Ficção? O que não seria narrativa?*

O Ser, em oposição ao Haver, como coloco, é âmbito da Ficção. Trata-se de produzir narrativas que se aproximem o mais possível da formação em jogo. Os rituais primitivos dos xamãs, por exemplo, estão corretos, mas são menos eficazes do que uma intervenção precisa da medicina. Mas esta é precisa até que ponto,



se tem efeitos colaterais? É, pois, uma precisão esquisita. Todo e qualquer discurso tem chance de evolução. Em última instância, é uma narrativa mais próxima, mais distante... Qual é a verossimilhança dos contos de fadas? A verossimilhança está nos desejos das pessoas. Qual moçoila não queria ser a bela adormecida? Aliás, em vez do príncipe, está é esperando Godot...

Retomando o que dizia há pouco, Freud estava se virando para explicar – para si mesmo, é claro – o que tinha encontrado. Vai às mais diversas narrativas, na medicina, aqui, ali, e monta um teatrinho de explicação chamado Édipo. As pessoas acreditam e aprisionam o processo nessa ideia. É preciso **evolução**, não se pode ficar aí. Vejam o caso de Einstein, cuja obra vem sendo hoje contestada. Contestação não quer dizer que esteja errada, e sim que o conhecimento avançou e ela pode ficar datada. Ele obrigou que engolissem sua teoria da relatividade geral e a comprovassem na cidade de Sobral, no Ceará, em 1919. A explicação sobre ela pode mudar, mas este é um discurso muito verificável. Outra coisa, é saber se isso se explica bem pela teoria de Einstein ou por uma teoria melhor. A narrativa está evoluindo.

Qual modelo tomo para tentar pensar? Só se pensa mediante algum modelo – algébrico, espírita... –, e o meu se monta cosmologicamente. Como lhes disse ano passado, sem conhecer Mario Novello, escolhi um modelo que está válido na cosmologia de hoje. Chamei de Cosmologia Libidinal (1986). Fico satisfeito em encontrar um colega que também diz que é assim. É

cosmológico porque tem uma ideia do Haver. Tive essa ideia aos dezessete anos quando era milico, ainda estava numa situação pseudocientífica, a cabeça obrigatoriamente só pensava em ciências exatas e precisava de uma ficção para poder me situar lá dentro. Novello tem uma bela ficção, que apoio inteiramente. Ele está referido ao modelo cosmológico do Big Bounce (Grande Rebote), que se afasta do modelo do Big Bang. Foi a ficção que fiz lá naquele tempo. O Haver quer não haver, vai encolhendo, encolhendo, bate com a cara na parede, quica e volta. Novello aceita esta teoria. Para falar do Haver, eu precisava de uma ficção cosmológica, inclusive para lá meter a psicanálise.

## 2

2, 26 janeiro: Qualquer formação é sintoma – Um sintoma é um algoritmo: como interromper a cadeia de seu funcionamento? – Como se acha um pensamento? Cai do céu – HiperRecalque nas pessoas e na cultura.

• P – *Falávamos há pouco que a força do hábito estaria na base da formação de um sintoma. O hábito não seria mais da ordem do comportamento, e o sintoma, da repetição?*

O hábito já é um sintoma. Uma coisa é alguém sintomaticamente repetir. É, aliás, o que se faz o dia inteiro. Outra, utilizar-se da repetição para alguma produção. De nosso

ponto de vista, qualquer formação é sintoma. Portanto, falar em hábito, comportamento, repetição, isso está incluído nas formações sintomáticas. Numa análise, é de acontecer substituições de sintomas, deixar emergir outras formações que estavam inconscientes... Um mau hábito, se quisermos dizer assim, das psicanálises antigas era o excesso de distinção. Freud distinguiu tantas neuroses para tantos casos. Para cada modo de funcionamento identificava-se uma categoria. Hoje, ao contrário, com poucas categorias, é possível buscar entender como funcionam aqui, ali, acolá. Vemos, então, que Freud estava falando a mesma coisa para várias situações. Se esta nossa psicanálise serve para algo, é para ser minimalista, reduzir ao máximo, entender que neurose é uma formação sintomática Estacionária. E só. Trata-se de ver como ela funciona em tal pessoa, quais ingredientes lá estão. Se não, feito a DSM, ficaremos cheios de definições, um monte de bobagem. Freud tinha o direito de distinguir como fez, pois estava começando, mas a bobagem dos que continuam repetindo aquilo é um escândalo.

Quero aproveitar o ensejo para falar algumas coisas sobre o **Sintoma**. Em Freud, existem duas analogias fundamentais na construção de seu raciocínio sobre o sintoma. Uma, é a *mitologia*, outra, a *neurologia*. Ele ficou perdido entre as duas. Chegou a escrever um texto ilegível, publicado postumamente, intitulado *Projeto de Psicologia para – neuróticos, ou melhor – Neurólogos*

(1895), em que tentava resolver o que pensava por essa via. Neurologistas, hoje, lá buscam entendimentos. Acho aquilo um saco de gatos, um esforço enorme para nada. Lacan, por conta própria – ninguém lhe pediu –, faz uma releitura total de Freud e, por sua vez, também apresenta algumas analogias. De início, foi a *linguística estrutural*, portanto, o pensamento estruturalista. Depois, a tentativa de uma *topologia*, a qual resultou numa grande confusão. Ditos lacanianos ficam repetindo aquelas coisas, mas nada disso acontece na clínica. São apenas delirações de Lacan no quadro negro, no âmbito do Discurso Universitário ou do Mestre. Para mim, o que sobrou daquilo foi algo que já conhecia de sobejo, que é o Revirão, isto é, o percurso na banda de Moebius.

- P – *Da outra vez, você dizia que seu modelo era cosmológico.*

Meu modelo não é cosmológico do ponto de vista da clínica. Pode ser comparativamente cosmológico do ponto de vista da teoria. Notem que não tomei o modelo cosmológico para fazer a teoria. Embuti a teoria no modelo cosmológico, o que é bem diferente. Já que coloquei a ideia de Haver, precisava pensar que tudo deveria ser com a mesma compleição.

- P – *Quanto à clínica, trata-se do Revirão?*

Do ponto de vista da clínica, a ferramenta melhor é o Revirão, que Freud descobriu com facilidade, mas não anotou, não o escreveu assim.

Quero reforçar agora que o que é contemporâneo, que faz pressão de analogia hoje para pensarmos o Sintoma, é a computação. Não computação em sentido geral, mas algo muito específico que ela tomou emprestado da matemática, que é o **Algoritmo**, sobre o qual falávamos da vez anterior. Quanto ao entendimento do sintoma do outro, depois de tudo que já disse, saquei que estava falando de algoritmo. Isto me faz mais contemporâneo no sentido mesmo de lidar com a ideia de hábito – que estava na pergunta inicial de vocês hoje aqui – como um algoritmo. Um sintoma é um algoritmo. O modo de lidar com ele é a tentativa de interromper a cadeia de seu funcionamento, isto é, a série que o constitui.

- P – *Isto não implica a HiperDeterminação?*

Se houvesse HiperDeterminação, cair-se-ia fora do algoritmo. E, certamente, cair-se-ia em outro algoritmo.

- P – *O Revirão é um algoritmo?*

O Revirão é praticamente uma chave de funcionamento que, suponho, seja aplicável em qualquer lugar onde haja alguma emergência. Na cosmologia, por exemplo, para a qual houve emergência, aconteceu o Revirão. É uma espécie de chave que o analista tem para forçar a barra. Sempre sabendo que o que lhe está sendo trazido pelo analisando não é necessariamente aquilo. Poder ser o contrário. O analista faz alguma coisa, utilizando qualquer artifício, para romper aquela série em algum lugar. É o mesmo que ocorre na intervenção do cientista numa série

genética – que, portanto, se repete permanentemente como reprodução – no sentido de aprimorá-la, de evitar que continue a reproduzir certas predisposições a doenças. Às vezes, tomamos um elemento da sequência do analisando que parece forte para segurar o resto e ficamos batendo ali. Quando se consegue fazê-lo saltar fora, tudo salta fora e o resto se reconfigura.

Portanto, por ter feito assim durante muito tempo sem nomear, decidi que é melhor tratar o processo analítico algorítmicamente. Especialistas em algoritmo, seja matemático ou computacional, costumam dizer que existem três tipos. O **algoritmo narrativo**, em que se narra uma sequência. Como preparar feijão, por exemplo, que exige seguir passos bem definidos para dar certo. Vejam que algoritmo não é algo que caiu do céu como formulação matemática, mas resulta de ter-se visto que o algoritmo comanda todas as funções. E o século XXI percebeu com clareza que *todos* os funcionamentos são algoritmos. O que é o mesmo que dizer que todos os funcionamentos são sintomáticos. É sequencial. Então, quando se conhece o analisando há algum tempo, salta para você o algoritmo que ele está repetindo. O segundo tipo de algoritmo é o **fluxograma**. São pequenas arrumações sucessivas graficamente representadas para tomadas de decisão. O terceiro, e o mais difícil, é o algoritmo chamado **pseudo-linguagem**. Tem aparência de uma linguagem, mas é genérico e finito demais. Vejam, portanto, que os elementos que estão sendo sequenciados

num algoritmo podem ser muito complexos, variados, diferentes uns dos outros – uma cor, uma fórmula matemática... –, para a resolução de determinada tarefa ou problema. O que mais nos interessa é o algoritmo narrativo. O fluxograma também, basta ter a paciência de ficar anotando o que o analisando expressa. A narratividade do analisando não é apenas composta do que ele fala, e sim de seus comportamentos, de como ele chega, sai, de suas manias... É uma repetição infinita.

• P – *O fluxograma talvez servisse bem para descrever o funcionamento do obsessivo, que só tem duas setas e sempre fica indeciso, indo para lá e para cá.*

Este é o mínimo de raciocínio sobre ele, mas pode-se colocar ali um monte de narratividade.

Se pensarmos em alguém feito Freud hoje, ele estaria se lamentando por ter perdido tanto tempo fazendo um monte de livros cheios de narrativa. Lacan, a mesma coisa. O bobalhão aqui que vos fala, então, é igual. Com nosso esforço, não conseguimos produzir, não conseguimos achar, pois tem que cair do céu. Eis algo a ser estudado cientificamente. Como a gente acha um pensamento? Podemos ser brilhantes, ótimos professores, muito estudiosos, mas isto não garante que iremos achar. Estamos transmitindo saberes (o que, aliás, é um sintomão). Pergunto de novo: o que aconteceu quando achamos?

- P – *Peirce se refere a esse acontecimento como abdução, junto à indução e à dedução. Outros falam em insight, em intuição.*

São modos de dizer o que acontece quando há criação, quando aquilo cai na cabeça de alguém. Quais são as composições disso? Temos esses nomes aí, mas não sei o que é. A parapsicologia vive correndo atrás com modelos os mais estapafúrdios. Algumas de suas maneiras são experimentais e muitas das experiências que fazem são diferentes de zero. Isto é, ultrapassam a expectativa de mera estatística. E não é nada sobrenatural ou coisa assim. É algum conhecimento que não temos para prestarmos conta disso. Podemos mesmo supor que seja um conhecimento banal. As narrativas estão correndo, de repente, se encaixam ali, e algumas pessoas têm uma espécie de antena. Elas captam algo que *foi dito*, mas *não foi dito*. É uma das hipóteses. Interessa, portanto, a captação dos acontecimentos, das falas ao redor. Essas pessoas antenadas captam coisas de que nem se dão conta, mas veem o resultado. Os recursos estão soltos, os acontecimentos estão passando e a maioria não percebe. Alguns olham para a situação e veem com clareza para onde está indo. Não se trata de algo que alguém aprendeu, algo inconsciente, etc., perdeu a noção e repete sem querer. Estou falando da percepção que antigamente chamavam de subliminar, de algo que a pessoa percebe abaixo do limiar e começa a ter sacações que lhe caem



na cabeça. Por isso, como sabem, não gosto da ideia de autor. Este é apenas aquele que fatura o acontecimento.

Há duas maneiras de ler, de estudar. Aquela do *erudito*, que é alguém que lê, guarda tudo na cabeça e articula as coisas. A outra, tem a ver com a *Criação*. Digere-se tudo que se lê, sem guardar onde se leu. Talvez o acontecimento do pensamento seja essa digestão. O que acontece quando alguém digere a experiência e a digestão vira uma antena? De repente, capta-se e aquilo faz sentido. Embora tenha feito alguns comentários sobre isso, a psicanálise nunca deu conta do que efetivamente acontece nesse caso.

• P – *Por outro lado, ela não deixa de contar com isso.*

Sim. Um computador volumoso, de preferência quântico, talvez tomasse uma enorme massa de formações e permitisse descobrir o funcionamento desse processo de criação. Em qualquer situação, nas artes, nas ciências... Por exemplo, antes de Galileu havia uma interminável falação na qual até estivesse embutido o que ele veio a dizer, mas que passava desnomeado. Um dia, o nome lhe acontece. É a isto que chamo de HiperDeterminação. Tudo zera e aparece um novo conceito. Na música, em alguém como Beethoven, isso fica bem explícito. Ele é diferente dos outros que são muito narrativos. Se não estudarmos sua partitura, não perceberemos a repetição que lá está. Ele escutou um pássaro cantar tã-tã-tãã!, tomou como inciso e colocou numa estrutura de repetição.

- P – *O inciso é o “tã-tã-tãã!”?*

Sim. É uma estrutura sintomática que vira uma narrativa.

- P – *No caso, não é o mesmo que leitmotiv?*

*Leitmotiv* é Wagner. É a melodia que toma para representar cada um de seus personagens na ópera. Quando ele entra em cena, toca seu *leitmotiv*. Isso virou dispositivo vagabundo de personagem de novela na televisão. Aparece tal personagem na tela e, em off, a musiquinha que o identifica. Em Wagner, pode ser um inciso que se repete para o personagem. Assim, se vemos isto acontecer demais nas artes, na literatura, nas ciências, logo, é o óbvio ululante. É isso que se escuta em análise: o analisando cantando talvez seu *leitmotiv*.

- P – *Isso remete à diferença que você faz entre Criação e criatividade?*

Como sabem, defino *Criação* – diferente de criatividade – como surgimento de algo novo, que não havia sido antes assim nomeado. Lacan dizia que a única coisa que inventou foi o objeto *a*, que o resto todo gira em volta dele. Notem que algumas poucas pessoas, dentro de seu ramo, conhecem bem aquilo, trabalham regularmente com aquilo, mas sempre estão achando que nada têm a ver com aquilo. Elas têm uma formação que não se conforma com formação dada, aquilo não é delas. Por outro lado, é só-depois que saberão o que é delas. Feito eu que hoje estou nomeando meu procedimento como algoritmo. Se tomarem tudo que disse antes, verão que é assim. Observem também que a

intervenção do analista deve ser obediente ao algoritmo do analisando. Há que entendê-lo para agir nele. Não se trata de aplicar outro algoritmo. É preciso sempre levar em conta o repertório geral das experiências de cada um, o repertório de suas transas no mundo.

Há pessoas com uma formação defensiva radical, com um cagaço tal para mudança – é quase um HiperRecalque – que são refratárias a qualquer transformação de (ou em) seus algoritmos. É o caso da chamada *psicose branca*: o algoritmo fica lá agindo e elas não surtam. Atualmente, temos visivelmente no poder ministros/as assim. Como a maioria é boçal, nem percebe. Há mesmo composições psicóticas na cultura. São HiperRecalques instalados em pessoas que *sabem* as coisas – por exemplo, o uso de cores como azul e rosa – e se utilizam desse saber empedrado para exorcizar seus sintomas. No fundo, é tudo Schreber. Trata-se aí daquela construção sintomática de competência psicótica de que, se alguém ataca demais uma formação, é justo porque ela é a *sua* formação. Uma formação substancialmente definidora dele. Basta ver que, se encontrarmos alguém muito parecido conosco, não iremos gostar. Na verdade, ninguém gosta de se ver no espelho. Quando olhamos no espelho, vemos outra coisa. E mais, toda certeza é psicótica. Sem HiperRecalque, não se consegue ter certeza, nem que seja meramente intelectual.

- P – *Por isso, Lacan dizia que seu pensamento era sem rival.*

Qualquer pensamento é sem rival. Se for criticado a partir de outra posição, será besteira, pois a crítica não caberá. Podemos preferir esta composição em vez de outra para aplicar no mundo. É só o que dá para fazer.

## 3

3, 02 fevereiro: *Sujeito* é uma ideia medieval e política – O que quer que aconteça no Haver é redutível a um algoritmo – O que é quântico no cérebro é a bifididade – Estamos absolutamente no regime do Recalque: liberdade zero – Em nossa espécie, o meio de expressão do tesão está coibido – A bifurcação de Bandarra, Vieira, Pessoa e Nova Psicanálise – Interessa o funcionamento, e não a verdade.

• P – *É lícito pensar que, em sua teoria, o que há de original é o conceito de não-Haver?*

Pode ser. Ninguém colocou desse modo, mas é consentâneo com a ideia de eliminação de Sujeito. Notem que está tudo entrelaçado. Como dizia da outra vez, é preciso de uma cosmogonia, se não de uma cosmologia, se quisermos falar do Todo. Não há isto em Lacan. Em Freud, há um gosto, mas não desenvolvido. Acho que, se começarmos a pensar qualquer coisa, é preciso inserir essa coisa no geral, ou seja, é preciso ter alguma ideia do geral para aplicarmos. Ideia essa consentânea com as outras ideias propostas. Se falo em uma cosmogonia de “Haver

desejo de não-Haver”, e se elimino a ideia de Sujeito, está tudo num embrulho só. É pegar ou largar.

Alain de Libera, em seus cursos no Collège de France, em diálogo crítico com Foucault e Heidegger, desmonta o aparelho da ideia de Sujeito, peça por peça. É uma ideia medieval, um sintoma da relação do Senhor com o súdito. É, pois, uma ideia política. Ela foi disfarçada na gramática, mas justo a gramática que é submetida a uma ordem. A língua faz assim, tem sujeito, mas transpor a questão política do Senhor – não é o senhor e o escravo, de Hegel – e o súdito implica o sujeito ser aquele que está assujeitado. A ideia durou demais e invadiu a linguística, a gramática, etc., e ficou aí. Em “Maria foi ao cinema”, a frase está indicando quem? Maria – mas não é preciso de sujeito algum aí. É uma imbecilidade buscar qual é o sujeito da frase. Para meu uso, nesse caso, substituo o nome para: *indicado*. A ideia de sujeito não cabe no comportamento contemporâneo. Mesmo porque, hoje, nunca se sabe quem está sendo indicado... Nossa época é de minimalismo. Por isso, falo em psicanálise portátil.

• P – *Nesse sentido, você falava do sintoma como algoritmo, a ser entendido nessa minimalidade operacional.*

Se, de acordo com a época e também com o raciocínio possível, observarmos o que quer que aconteça no Haver, veremos que é redutível a um algoritmo. Isto, mesmo cosmologicamente. Tudo é sequencial: uma coisa depois da outra.

• P – *Mesmo o que está em estado de emaranhamento?*

É emaranhado por ser possível desmaranhar. Na coincidência no tempo e no espaço, há uma sequência em algum lugar. Mesmo se não tiver sequência, só conseguiremos observar sequencialmente. O que estou dizendo a respeito não é o que está lá, e sim o que estou dizendo.

- P – *O emaranhamento não seria uma exceção?*

Se não posso abordar a não ser sequencialmente, por que seria exceção? Exceção é fazer a suposição de que isso não é explicável.

• P – *Estou perguntando referido ao que diz Roger Penrose em 1989 sobre a questão da inteligência artificial. Segundo ele, a mente tem um funcionamento que não é algoritmo. Daí toda a dificuldade de sua transposição para a Inteligência Artificial.*

O funcionamento radical da mente não é algoritmo, e sim Revirão. Entretanto, acho difícil demonstrar que qualquer sequência de pensamento seja não algoritmo.

• P – *Ele está falando no nível do substrato cerebral. Haveria uma base cerebral microfísica, que não está na escala dos neurônios, em que o tipo de funcionamento é quântico, no qual há a situação de emaranhamento que não é abordável por via do algoritmo.*

Isso é possível. Entretanto, qualquer funcionamento imediatamente sequencia, decai. Quando o físico aborda, mesmo dizendo que é emaranhado, nem isso conseguiria dizer se não estivesse no algoritmo. O grande problema é justo este: como

dizer isso? Ao dizer que suponho que a base do pensamento seja o Revirão, estou falando em nível de emaranhamento, por exemplo. Ao dizer que os alelos do Revirão têm um lugar de neutralidade, é uma analogia disso.

• P – *Há ainda os algoritmos quânticos, que não se sabe bem como e para quê funcionam, e são mesmo considerados não passíveis de se tornarem algoritmos.*

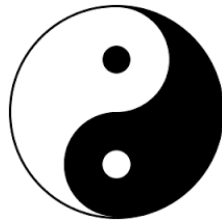
Quando for quântico para valer, surgirá necessariamente a *bifididade*. E se evitarmos a bifididade, o computador, de repente, ficará psicótico, entrará em looping. Basta pensar nas equações da álgebra que têm duas variáveis, uma positiva e outra negativa, como resposta. Se toda resposta for bífida, como o computador fará a sequência?

• P – *O computador quântico não poderia ser um modo não bífido de operar com a bifididade? Ele próprio não é bífido.*

Se ele é quântico, opera imediatamente as oposições. Então, como lhe pedir uma resposta, digamos, única, binária? Faço a suposição de que o psiquismo seja isso. Portanto, o cérebro também deve ser. E o que é quântico no cérebro? A bifididade. Coisa que a língua não consegue resolver. Não entendo muito isso, mas, ao lidar com o chamado analisando e com a ideia de psicanálise, desde Freud, há isso sensivelmente. Ele relata que só mediante Recalque temos apenas um lado. Espontaneamente, no sonho, nos tropeços da língua, verifica-se a bifididade.

• P – *Os afetos também são algoritmos?*

Qualquer funcionamento abaixo da bifididade é algoritmo, em sequência. Se não for assim, a Teoria das Formações pode ser jogada no lixo. Do Bífido para baixo, funciona o Recalque. Ponto! Não se trata de procurar o recalque apenas nosologicamente. Estamos absolutamente no regime do Recalque. Liberdade zero! A tentativa de intervenção é só para modificar a sequência. E mais, não sabemos onde dará. Psicólogo é alguém que acha que, se fizer isso, acontecerá aquilo. Não é o nosso caso. O fato de haver um salto do Bífido para o resto é outra história. Como sabem, minha explicação é topológica: corta-se a banda de Moebius tornando-a bilátera. O símbolo do Yin/Yang com dois furos de que falei de outras vezes é topológico: o plano projetivo leva um furo, vira banda de Moebius; leva outro furo, vira bilátero.



Isto é brilhante. Será que alguém inventou ou lhe caiu na cabeça?

• P – *Você diz que o Revirão não é algoritmo, mas Alei (Haver desejo de não-Haver) é. O Revirão, então, não seria o algoritmo?*

Alei já é funcionamento do Haver. Quanto ao Revirão, não sei. A topologia fundamental – ou seja, se encaramos um plano projetivo, que é absolutamente sem possibilidades de orientação, nele fazemos um furo, caiu tudo, ele virou uma banda de



Moebius. A banda de Moebius é um algoritmo? Ela pode não ser, mas a sequência de se furar o plano projetivo é. Em seguida, toma-se a tal banda, corta-se no meio longitudinalmente e tem-se o bilátero. É outra operação. Primeiro, um furo, e depois um corte, esta sequência é algoritmo. Já fico satisfeito em pensar que o Revirão é quântico e o resto é bilátero.

• P – *O que faz um algoritmo tornar-se quase inabordável?*

Isto é da ordem do lógico ou do sensível? Se a Teoria das Formações estiver certa, é impossível haver visão total para nossa espécie. Ao pensar alguma coisa a respeito de outra coisa, estamos pensando com uma formação sobre outra. Onde isto generaliza? Impossível saber. Antigamente, lógicos e epistemológicos chamavam *paradigma* à composição de uma visão nova. É um algoritmo. Passa-se algum tempo e alguém tem uma visão – isto é, escorrega na casca da banana, ou lhe cai do céu, não sei – a partir de uma formação que não estava sendo invocada nos algoritmos anteriores. Ele algoritmiza o que viu e publica. Paradigma é isso. Às vezes, só de raiva, alguém deixa de aceitar um conceito, abole-o e entra outra formação sem ele. Temos, então, outro paradigma. Mas isto é algo que tem que *acontecer*.

• P – *Uma IdioFormação de outro lugar do universo, com outro Primário, teria modos diferentes de sequenciar?*

Sim. As formações em jogo serão outras. Por onde o ET goza? Falávamos sobre isto outro dia. Aliás, observem que, em

nossa espécie, o problema da *pornografia* é ser recalçada demais. Retirados os recalques, ela é muito eficaz para a saúde psíquica. O que está coibido é o meio de expressão do tesão, é tomado como sujo, como porcaria. Como é recalçada, ela tem se apresentado de modo muito precário. Seus modos de apresentação ficam prejudicados justo por não poderem ser tratados como simples laboratório, como descrição de formações específicas do tesão. E há que ser indiferente a todas as pornografias. Outra coisa é a legislação sobre o comportamento. O entendimento nada tem a ver com a lei. Para estudar o assunto, é preciso ser indiferente a todas as formações do tesão. Talvez ETs já tenham entendido isto há tempo.

O que acontece no início do Quarto Império é a evidenciação do hospício e da lama em que estamos metidos até o pescoço. Antigamente, era até pior, mas era contido por formações com muralhas. As barragens eram suficientes para a contenção da lama. Como as pessoas estão assustadas, a maioria corre para trás. É o que acontece politicamente no Brasil hoje: todos em marcha a ré com medo. Não chamo de retrocesso, pois não se trata de retroceder a alguma formação antiga, e sim de que tudo está estraçalhado. Não há, como se dizia antigamente, integridade. O medo estraçalha tudo. As atuais propostas governamentais do ponto de vista administrativo e econômico podem até ser vistas como adequadas, mas, do ponto de vista de cultura e dos comportamentos, é tudo retardado. É como se a

ciência não tivesse progredido. Antes, era tudo tomado como um bloco só, mas vemos que não é. É o que está ficando claro, basta olhar para o que se evidencia no Brasil quanto a economia e administração nada terem a ver com cultura e comportamento.

• P – *Da outra vez, você falava em narrativa, verossimilhança e verificação. Em termos de narrativa, suponho que seja possível acompanhar da história de Portugal uma bifurcação de Bandarra, Vieira, Pessoa e Nova Psicanálise.*

Sim. E o que acontece hoje é a política brasileira estar vivendo o mito da Ordem de Cristo, mas por um lado imbecil. A linhagem da Nova Psicanálise, ao contrário, é o lado poético, progressivo que lá imperava. Foi o algoritmo desse lado, o da busca do Quinto Império, que a jogou aqui. O que vemos vigorando na política é o outro alelo da situação, o do atraso, que quer voltar para o Terceiro Império, pois, para eles, o Quarto Império está dando merda. Digo eu que não adianta fazer isso, pois já não estamos mais no Terceiro Império. Farão algum burburinho, mas darão com os burros n'água – o computador e a internet não permitirão essa volta. Isto, no Brasil ou fora. O pior é que não há tempo de transa das formações para as gerações atuais verem o Quarto Império implantado. Verão apenas seu começo após um grande período – cinquenta anos, no mínimo – de violência. O que nos cabe é entender e contar para alguns. Não há solução possível a médio prazo.

A formação destinada a desaparecer em breve é a mais prezada: a família. Vejam o desespero do pessoal que percebeu que já desarrumaram sua casa e fica tentando rearrumar do mesmo modo. Não conseguirá, pois não é uma questão apenas ideológica. É uma questão tecnológica. E, até segunda ordem, não estamos vendo ninguém querendo parar a tecnologia, pois, repito, ela é um tesão. Comecei a ler um livro em que o autor denuncia que o Vale do Silício destruirá tudo, e que é preciso procurar forma de salvação. Pois digo eu: o Vale do Silício destruirá tudo! É grotesco ver o autor incentivar uma luta contra a tecnologia. Se pensarmos na Roma da decadência procurando inventar uma formação como paradigma de salvação, sabemos que acharam essa formação no Cristianismo. Quem lá estava e conseguia pensar um pouco sabia que não adiantava ir contra, pois a situação iria cair lá. Por que? Porque a metáfora é interessante, é da época – mesmo sendo a metáfora errada (podia ser a de Julio Cesar, mas a vencedora foi a do panaca do Constantino) –, e leva para isso. E mais, é uma metáfora do baixo clero do Império. O cristianismo era um lixo, depois é que foi se sofisticando. No Ocidente, pelo menos, ninguém segurou aquilo. O mesmo acontecerá quanto ao Vale do Silício. A psicanálise só pode achar tudo isso engraçado, é uma palhaçada geral.

Faço a suposição de que, ao instalar-se realmente o Quarto Império, teremos outra gente. Não estou dizendo que será boa ou má, e sim que não será a gentinha de hoje. Observem que a

ferramenta da Nova Psicanálise é boazinha, funciona bem para esses entendimentos. Ao falar em *Creodo Antrópico*, por exemplo, vemos que é um algoritmo vigente. Basta olhar para o estado da humanidade. Antes de conseguir fazer um algoritmozinho para mim, ficava metido com Fernando Pessoa, com Templários, com Quinto Império, sentindo um cheiro de caminho necessário. Mas, naquele nível, a coisa é tão *flou* que não expõe o algoritmo.

• P – *O ápice está em Pessoa. Parece que tudo deságua nele e vira uma ordem poética, gnóstica, ocultista.*

Foi essa gente que me empurrou. Me empurrou sem eu saber, é claro. De repente, vi uma sequencialidade. Assim, fico à vontade, pois não estou inventando, já estava lá.

• P – *Quanto ao Creodo Antrópico e a teoria dos Cinco Impérios, a operação é compósita. Ao mesmo tempo que tem elementos da verossimilhança oriundos dessa tradição poética, tem elementos (não imediatamente, mas também) oriundos da tradição verificável. Eles têm apoio em sua ideia de Ordem Implícita (1997), que é cosmológica, e na ideia de creodo, que tem uma sequenciação por via da paisagem epigenética e passa por René Thom com a teoria das catástrofes. É uma ferramenta que combina elementos desses dois polos, do verossimilhante e do verificável.*

E ainda tem os jesuítas. Foram eles os implantadores da Ordem de Cristo. Implantação religiosa e científica. Em ninguém

essa implantação é mais nítida do que em Inácio de “Boyola”, o soldado de Cristo. Pombal entendeu aquela força e os expulsou. Não à toa existem as universidades jesuítas.

Uma das coisas esquisitas que vivemos hoje é o fato de a **verdade** não interessar. O que interessa é o funcionamento. Não é o caso de pensar se uma teoria – esta, por exemplo, que é a nossa – é verdadeira. Não há teoria verdadeira, há teoria. Se servir, levamos para nós. Se não, descartamos. O século XXI é não interessar-se pela A verdade. A verdade é o seu, de cada um, teorema. Isto já está em Lacan. O analisando só fala a verdade. Falaria o quê? Isto não elimina que o teorema de cada um não precise ser organizado. Na maioria das vezes, ele está uma bagunça só.

- P – *Mas, no social hoje, as fake news destroem vidas.*

Eis algo que acaba no Quarto Império. Acaba pelo fato de as pessoas, por entendimento e funcionamento – e não por serem boazinhas ou tolerantes –, terem que aceitar as verdades todas. Portanto, não haverá como destruir o outro. Entendamos, enfim, que os algoritmos são poderosos, com efeito pulverizante geral.

- P – *A pulverização facilita a emergência de avessamentos. Os recalques se abrandam.*

É o que já está acontecendo hoje. Muitos recalques estão sumindo por comparação, por transa. Ou seja, o conceito de verdade do futuro é o da psicanálise. Ele é constitucional do ponto de vista de perguntar: quais formações estão falando? Lacan já

dizia que a verdade era isso. Sempre que quisermos alguma tentativa de veracidade, teremos que negociar. Já está claro que temos teorias científicas e sociais que estão todas dizendo verdades – assim como ministras anquilosadas no governo do país também dizendo a verdade. Isso tudo terá que ser desgastado pelo movimento da tecnologia que, como disse, é dissolvente e não se querará pará-la, pois dá conforto.

• P – *No caso do psicótico, há um algoritmo de cura?*

A pessoa está falando a verdade, mas esta verdade é transável ou é dependente de um HiperRecalque? Uma coisa é dizer “estou falando a verdade” como Lacan: *Je dis toujours la vérité – pas toute*. Faz-se análise para isso, para falar a verdade. Mas sabe-se que a verdade do outro é diferente, que é preciso conversar. Outra coisa, é o psicótico, que não sabe isso. Ele não tem uma verdade, ele *é* a verdade. E são aqueles que não sabem sobre isso que colocam um maluco desses no poder. Isso tudo já aconteceu na Alemanha, na União Soviética, na Itália... No Brasil da época quase aconteceu também.

## 4

4. 16 fevereiro: A epistemologia supõe poder regradar o conhecimento – O século XX produziu um pensamento predominantemente fascista e racista – O Revirão é limite no processo teórico e em toda consideração da NovaMente – Ninguém “passa” de analisando a analista – Só é analisando quem é analista – Analista é uma função, e não uma pessoa.

• *P – O Haver é discreto ou contínuo?*

Podemos aplicar-lhe os dois. Se tudo cabe no Haver, inclusive as teorias matemáticas, é porque ele suporta. Em todos os sentidos, de suportar e de suporte, de ter condições de arcar com aquilo e de ser o lugar onde aquilo pode se instalar.

Por que não gosto da Epistemologia? Ela é pretenciosa, ignorante e besta. Faz a suposição de que pode regradar o conhecimento. É tola, no mínimo, e paranoia pura, no máximo. Por isso, falo em gnoseologia, gnose ou coisa do tipo. O conhecimento em sua relação com o Haver é abrangente. O que uma tribo primitiva conseguiu ajuntar como cultura é conhecimento possível naquela circunstância. Gnoseologia é: tratar as decantações consequentes à tentativa de entendimento de mundo como conhecimento. Pode ser muito pobre, mas é um modo de conhecer. Não importa se funciona ou não na realidade, e sim que há algum funcionamento articulado. Isso é o conhecimento que faz desde as coisas mais primitivas, idiotas, até as mais sofisticadas. Não se pode, como fazem as epistemologias,



dizer que ciência é isso assim-assim, e o resto é lixo. Como a humanidade chegou até aqui? Quantos milênios foram necessários? Ela foi atravessando e passando pelo conhecimento que tinha.

De repente, um tal Popper vem e diz que conhecimento é isso e não aquilo. Em vez de se perguntar como abordar aquilo, se é possível traçar distinções entre níveis de conhecimento, vem despejar regras. Falar em conhecimento científico é uma besteira. E há conhecimentos demasiado dependentes de intuições, sensibilidades... Já fizeram a ciência da culinária? Acho que não dá para fazer. Mas há algumas pessoas analfabetas que fazem comidas maravilhosas. O nome disto é: conhecimento. O século XX ficou besta demais, é abominável, basta ver as duas Guerras Mundiais. A vontade de saber mediante exclusões é muito ruim. Felizmente, isso tudo está, pragmática e cientificamente, indo para o lixo. Como viemos de lá, temos todos os seus vícios – e temos que ficar passando neles a borracha o tempo todo. Se aplicarmos ao máximo a exclusão que o século XX produziu em todas as áreas, veremos que é um pensamento predominantemente fascista e racista. Essa vontade de determinação de *uma* coisa certa que rege as outras é fascismo na filosofia, na política... Qual é a diferença entre Adolfinho querer nomear os arianos como raça única a sobreviver e Popper? Em vez de uma vontade de compreensão, de entendimento, vem um afinco em mostrar que

ciência é aquilo e o resto não é. Ao final da vida, ele acaba pedindo perdão. Já lhes falei bastante sobre isso.

• P – *Nos SóPapos 2018, diz você “é possível cada vez mais descrever ordenações de dentro do Haver. (...) Trata-se de descrição de formações. (...) Há um limite, pois há o Revirão. Ele há, inclusive, dentro do Haver. É lento e precário, mas existente. Portanto, o aleatório comparece” (item 37). Mais adiante, você avisa: “Temos que segurar pelo meio, sem ir muito longe na franja, pois do outro (mesmo) lado é o oposto. É para isto que serve o conceito [de Revirão]. Há algo da sabedoria oriental aí: é preciso manear. Refiram-se ao Wu wei, ideia chave do Tao que diz respeito à não-ação, a não nos metermos, a deixar rolar” (item 40). Quero entender melhor sobre a aplicação do conceito, sempre levando em conta que é limite e que, na prática da análise, é preciso manear, “segurar pelo meio”.*

Quanto à série antrópica, com o Quarto e o Quinto Impérios, já lhes disse que não se trata de utopia aí, pois pode ser muito ruim. Apenas me parece que *é assim* que caminha. Não tenho como avaliar, mas, para entender o movimento, preciso pensar isso. Ao dizer que o Revirão é o limite, é o limite desta teoria. Se é assim – limite como compreensão do funcionamento do Haver enquanto autorreflexivo (se não houver Revirão, não há autorreflexão, não se pode jogar, fica-se paralisado como um animal) –, ao dizer que o Revirão deve ser colocado como limite na análise, não é para isto ou para aquilo. Não há juízo de valor

aí. É para a pessoa chegar a entender seu (dela) próprio funcionamento. Isto porque o funcionamento é esse, está recalcado e lateralizado pela cultura, etc. Então, como você convive com você sabendo desse jogo, percebendo seu jogo? No que concerne ao mundo, aí são escolhas, passou do limite da análise. Entende-se, então, a diferença entre recalque e juízo foraclusivo. Ou seja, não quero ser recalcado, e sim saber que *esse é o funcionamento*. O juízo foraclusivo é depois. Aliás, tira-se tal coisa, tal lado, sei-lá-por que. Porque no momento me deu tesão, por exemplo. Não há explicação para isso. Juízo de valor é impregnação cultural.

• P – *Há que contar com o Revirão?*

Ele há. Não se está livre dele. Neurótico é aquele que pensa que pode se livrar dele. E mais, só suportamos uma situação por impregnação e sustentação. Se não, ela vira. Um exemplo brasileiro atual é o fato de ter havido tanta democracia que elegeram uma direita extremada – o que é o cúmulo da democracia. Isto porque democracia é uma ideiazinha, a ser cultivada ou não. Se cultivada muito longe, mostrará sua bunda. A história da humanidade funciona assim. O interesse da psicanálise é manter a lucidez: tirar os recalques, fazer certas escolhas interesseiras (caso contrário, pode-se até morrer, o corpo não aguentará), estar vendo os processos... Por outro lado, o pensamento fanático também quebra a cara justo por virar ao contrário, por chegar perto demais do outro lado. Já a bagunça,

esta, é mais humana do que a ordem predeterminada. É preciso certa ordem, mas sem exagero.

Então, ao dizer que o Revirão é limite, em primeiro lugar é limite nesta teoria – a ideia de Revirão funda todo o processo teórico da NovaMente – e, em segundo lugar, se acompanhamos esta teoria, é o limite de toda e qualquer consideração produzida. Da vez anterior, citando Roger Penrose, perguntaram sobre o quântico e a extensão do algoritmo. É preciso saber que nada temos a ver com aquilo. Se os cientistas vierem a fazer uma descrição perfeita do funcionamento do quântico, o que me importa é provarem como funciona o Revirão. Espero que façam as pesquisas mais completas possíveis, pois o que me interessa é do Revirão para cá. Como sabem, faço – porque quero e gosto de fazer – a suposição de que, ao evoluírem as ciências físicas e biológicas, elas demonstrarão a mente, o cérebro, funcionando em Revirão. Mas a evolução deles não é de minha conta, meu limite é o Revirão. Tirei-o como consequência de muitas observações, da obra de Freud sobretudo. Ele lá não está nomeado assim, mas está claramente descrito. O Revirão é um algoritmo? Tratamos disto da vez anterior.

- P – *Parece-me que o Revirão tem a construtura de um circuito e, dada esta construtura, uma vez que se movimenta, resulta em avessamento. Seria, então, um algoritmo em aberto, à medida que há passos, sequências, que ainda não estão construídos, estão em emergência.*

Ao fazerem o computador quântico, estão fazendo um computador que (se) revira. Que algoritmo têm que inventar para colocar no computador e ele revirar?

• P – *É um passo importante para eles saberem que a mente funciona assim, em Revirão.*

Eles não têm o conceito, mas já pensam assim. Imaginem que, quando entenderem bem, terão clareza sobre um computador que revira e faz juízo foraclusivo. O computador quântico revira, mas faz juízos em função do programa que, nele, está instalado. Ou, se não, ele apresentará duas soluções como a equação de segundo grau de que falávamos da outra vez.

• P – *A Teoria dos Circuitos, que você já mencionou, é muito útil para entender o Revirão e a transa que circula entre os processos. Recalque, por exemplo, são circuitos cortados.*

A ideia de circuito é uma das ideias de *formação*. Nem toda formação é um circuito, mas todo circuito é uma formação. Ao considerar que formações são de qualquer tipo, estamos considerando que o que quer que compareça é uma formação, a qual está sujeita a chuvas e trovoadas. Ela também pode revirar. É a banalidade que está na equação de segundo grau de que falei há pouco. Sabemos que revira porque a resultante tem mais e menos. Quando criança, eu ficava invocado com isso, com a equação não me dar uma solução. Aliás, muita coisa na matemática revira, tem duas possibilidades, + e -. Lacan ficava invocado com a raiz quadrada de  $-1$ . Como não é possível dizer

=, uma série matemática desenvolvida chegará à solução de infinito sobre infinito. Há, então, que levantar a indeterminação, o que é quase um golpe político sobre a série... Observem que o Haver tem expedientes os mais estranhos. Em outro universo – situados mais ou menos ali na esquina –, talvez as coisas funcionem de outra maneira, não sejam obedecidas as leis da física que obedecemos aqui.

Como dizia há pouco, a burrice, o vício, a neura contemporânea é pensar de modo excludente. Por exemplo, democracia *ou* totalitarismo. Não é possível construir um modo político de coexistência sem essa divisão? É possível, mas a maioria sendo neurótica, uns gostam de esquerda, outros de direita. Se lhes perguntarmos por quê, ouviremos ideias estapafúrdias, que têm a ver com sintomas pessoais da mais baixa extração. São construções patologicamente sintomáticas e exclusivas por recalque, e não pseudo sintomáticas por escolha. É o tipo de comportamento, de pensamento, que não combina com a psicanálise. A psicanálise está fora disso, ela é divina: aceita o que vier. É a posição de Deus, ou, se não, a de Espinosa, *sub specie aeternitatis*. Mas, dado que esta é uma espécie de macacos, primeiro vem a exclusão. Ela tem um Primário boçal que precisa ser passado a limpo na história. O processo é necessariamente histórico.

- P – *Em Velut Luna (1994), você fala em ritual de passagem como passagem para alguém ser considerado gente.*

Impliquei com o *Passe*, de Lacan, por não ter continuidade, por ser igual ao exército, à igreja. Esta foi minha primeira implicância com o lacanismo. Lidando com algo tão nefelibato como a psicanálise, como dizer de alguém que, a partir de determinado momento, passou a ser analista? No sentido de que se possa julgar, ninguém passa de analisando a analista, não existe isto. E quando surge o *reconhecimento* de alguém, não se sabe dizer onde ou quando foi. Só uma vontade de governo pode se arvorar a determinar isso. Se há nomeação, acabou o analítico. No Brasil e na Argentina, as instituições adoram essa ideia, são imitações canhestras. Não é de estranhar dado serem apenas instituições burocráticas que se esmeram em criar impressões de hierarquia. Quando falo em Aristocracia não me refiro a sangue, e sim a valores, a riqueza, a reconhecimento de outrem como estando acima ou abaixo. Reconheço, por exemplo, Pelé como alguém exímio em jogar bola. É difícil reconhecer que ele é rei no futebol?

- P – *Quanto ao Pelé, é fácil, mas na instituição?*

O reconhecimento se impõe sem necessidade de burocracia.

- P – *Em seu seminário clínico, publicado em Arte & Fato (1990), diz você que a noção de Fim de análise em Lacan é sem interesse. Trata-se, sim, da Entrada em análise, cuja decorrência é: só é analisando quem é analista.*

Alguém vai ao analista, supostamente fazendo análise, para ver se consegue fazer.

- P – *Se ele consegue, é analista.*

Direi pior. Ele já o era. A espécie humana é assim, só que não sabe, aquilo está entupido. Trata-se de anamnese aí. Se já não fosse, como conseguiria ser analista? É uma competência da espécie que está recalcada. Se alguém procura a análise, temos que desconfiar de que já tenha pego a doença. E mais, analista não é uma pessoa ou uma profissão, é uma função. Uma função que qualquer um, de qualquer área, pode vir a exercer.

Atualmente, temos evidentemente a todo momento uma incessante *gastura das formações*, por melhores que sejam. Toda luta tem que saber disso. Acho ridículo ser lacaniano hoje, é algo que perdeu a validade. Foi maravilhoso, serviu para minha formação, mas acabou, não está mais em exercício. O que acontece, entretanto, dada a evidência da *gastura das formações* em todas as áreas, é o que falo sobre o movimento contemporâneo de a maioria correr para trás na política, na religião. Seria mais eficaz se parássemos e nos perguntássemos sobre o que fazer para diante. Por que os sentidos que procuram dar têm que ser gastos e inúteis? Estão procurando não o sentido, mas uma significação bem construída. Só há duas saídas: ou você adere, ou fica lúcido. Temos que entender que o golpe de diferença foi tão grande que, para trás, tudo já era. Suponho que, em toda virada de Império, o que acontece é sobrar um lixo enorme. Como o Terceiro Império durou muito e produziu demais, resta um lixo imenso que não se reciclará. Sobretudo, quando entra um Império rachado como foi



o Segundo e está sendo agora o Quarto. Algum historiador poderia demarcar quando efetivamente entrou o Segundo Império e qual foi a consequência desse dilaceramento entre o Primeiro e o Terceiro. Para mim, o Segundo Império coincide com o advento da pecuária e da agricultura.

• P – *Há aí um algoritmo de longa duração. Com a ideia de Pai, temos a invenção do curral e da família. O procedimento de cercar está na base da lei, da economia, da fundação de cidades, de Estados...*

Esta – a cerca – é a essência do Segundo Império, que dura até a beira do cristianismo.

## 5

5, 23 fevereiro: Preciso sobre a afirmação “os circuitos são formações, mas nem todas as formações são circuitos” – A suposição de haver circuito não faz o circuito – A ignorância é traumática. 6, 23 fevereiro: O truque psicanalítico é musical – Em análise, toca-se a música do analisando – A Cura é parar de tocar a música dos outros e bem tocar seu sintoma.

• Aristides Alonso – *Da outra vez, falamos em Circuito, que o Revirão seria um circuito. Você, então, falou das formações e disse que os circuitos são formações, mas nem todas as formações são circuitos. Mas, se são formações, têm seu modo próprio de transa e, por mais caóticas que sejam, há circulação*

*de toda ordem ali dentro. Um circuito é algo que vai de um ponto a outro, uma conexão, uma vinculação, com entrada e saída. Por isso, me pergunto se haveria alguma formação que, de um modo ou de outro, não seja um tipo de circuito?*

Do jeito que acabou de definir *circuito*, você tem razão. Eu estava pensando de outro modo.

- AA – *De que modo você estava pensando o circuito?*

Simplesmente como um fluxo. Você está agora falando em circuito manejável automaticamente ou não. Aliás, não sei o que é circuito, sei o que é curto-circuito

- AA – *Em seu sistema, se usarmos esse tipo de raciocínio cibernético de circuito, de informação, de sistema, parece-me que, em dado momento, justamente acontece nessa transação uma espécie de curto-circuito no processo inteiro. Mas o que emerge dali? Outra formação que reorganiza o circuito, que se rearruma de algum modo como sendo da ordem de transas, de conexões.*

Num simples conjunto de formações, onde está o circuito? Nele ou na leitura dele?

- AA – *Se tomamos pela Teoria do Caos, que diz que o que há de fato é ordem, que o caos é ordem desconhecida, temos aí a suposição de que tenha uma organicidade cujo conhecimento nos escapa. Ou seja, qualquer coisa que se rearranja, ao topar com ela, podemos encarar entropicamente, como algo que não*

*estamos processando, mas que, devidamente transada, algumas ordenações começam a aparecer.*

• P – *Mas o parangolé que é a intervenção de tentar entender uma formação que está acontecendo em outras já não faz emergir algo que depende dessa intervenção?*

O circuito só pode estar na transa. Numa formação sozinha, só se fizermos sua leitura internamente poderemos colher esses circuitos.

• AA – *O que estou dizendo é que toda formação é constituída de circuitos e faz circuito com outras formações.*

Não sei.

• AA – *Ou é passível de fazer conexão com outras formações...*

Você está falando da transa entre formações, da substituição de Sujeito.

• AA – *Não há formação fechada absolutamente. Circuito é algo que está circulando, com entradas e saídas. É um algoritmo que supõe coisas que entram e coisas, operações, que não entram. É um abre-fecha-abre... Quanto mais circulação houver, mais circuitos são constituídos...*

Quanto mais transa entre formações houver.

• P – *Em 2000, ao falar de Parangolagem e apresentar o modelo do Tetraedro, você incluiu a enantiomorfia. O que é isto na transa de formações? Ainda é circuito? Aí o abre-fecha-abre foi suspenso.*

A HiperDeterminação não é fluxo.

• AA – *Por isso, falei em curto-circuito. Aquilo entra em pane e se reorganiza.*

Diante de uma formação, qual é a consideração possível? Quanto a uma formação lá jogada, não posso ficar pensando aqui que ela esteja transando com outra formação. Se entrar com alguma possibilidade de leitura, aí sim aparecerá a possibilidade de transa entre formações. Mas a formação lá jogada não tem essa possibilidade.

• AA – *Mas posso supor que haja essa possibilidade?*

Sim. O direito é seu. Note que você está se colocando presente demais à formação.

• AA – *Uma abordagem é mediante a teoria da informação. Do ponto de vista da física da informação, ela afirma que tudo é informação. Afirmar isto significa que tudo é abordável como informação.*

Aí é que está o ponto. Antes do abordável é o quê?

• AA – *Minha suposição de que há informação.*

A suposição de que há informação é unilateral.

• P – *Há uma Tópica em jogo aí (1ar→2ar→Or). Esta suposição é do ponto de vista do Secundário.*

Ao fazer essa suposição, você nada transou com a formação. Ao se dispor a averiguar é que a transa começa.

• AA – *E como há respostas e respostas e respostas, já é uma conversa que se estabelece com mão dupla. Portanto, havia*

*conversa, mesmo não se sabendo qual. É como uma língua estrangeira...*

Não. Isso é epistemologia. Fazer a suposição de que, em alguma região, haja um conjunto de formações que são transáveis é mera suposição. Qual é a ignorância do cientista? Ele supõe que haja possibilidade de conhecer aquilo, mas aquela formação não faz circuito enquanto não puser uma formação que faça circuito com ela. O nome disso é: ignorância.

• P – *Mas tentar a abordagem se deve a supor de algum modo que haja circuito.*

A suposição não faz o circuito. Ela promete fazer. Então, ao dizer que há formações que não são circuitos, sou uma besta ignorante olhando para aquilo que quero entender, mas não faz sentido ainda. Que formações buscarei para jogar com essas? Aí a transa começa.

• P – *E mais, freudianamente falando, o Inconsciente tem o só-depois. É no só-depois que se computa para trás – e nos perdemos por não saber se já estava lá ou se foi porque computamos assim.*

Aristides está fazendo a suposição de que a suposição supõe.

• AA – *Minha suposição decorre de que há formações do Haver e de que formação é informação.*

Estou dizendo que qualquer formação é informação. Isto é uma definição para eu jogar, mas não há transa diante de uma

formação que emerge para mim enquanto não começar a transa. É o que quero dizer quando digo que há formações que não são circuitos, que não estão funcionando na transa. Ao me deparar com algo que desconheço, não posso dizer que aquilo com que me deparei não seja uma formação. É sim, mas qual? É preciso fazer a suposição que você fez para começar a procurar uma formação para jogar com aquela. Se não, o Sujeito retorna.

• P – *O problemático na questão do Aristides é aproximar-se do modo de pensar filosófico que a priori decreta o que é a realidade. Isto, sem o ad rem, sem o ir às coisas.*

Se não, voltamos para pressupostos que não são os da psicanálise.

• AA – *Eu estava pressupondo não isso, e sim que há circuito.*

Só há circuito quando há. Tomemos um exemplo de consultório. Ao receber um analisando novo, está na cara que ele tem uma formação que você supõe ter um monte de formações. Onde está a transa? Não começou. Ele começa a falar e a transa não aparece. Você continua ignorante por não ter aqui formações que façam transa com as dele ainda. Daí procura-se um jeito de transa das formações que podem ser aplicadas com as que estão surgindo. Aí, sim, instalou-se um circuito.

• AA – *Mas como haveria a investida se não houvesse a suposição de que tem transa?*

A suposição é cega. Faço a suposição que quiser.

- AA – *Parto da definição mais simples de circuito. É passagem, no caso, de força, de energia, de um ponto para outro e circulação segundo certa ordenação, a qual pode sofrer desvios, acréscimos, aumentar, diminuir...*

Você, agora, tomou a palavra *circuito* e reduziu a outro conceito. Ao conceito de algoritmo.

- AA – *Minha questão partiu de: como poderia haver uma formação que não fosse organizada de alguma maneira?*

Não sei. Bato com a cara na parede e não sei. Se agora quero entender, buscarei formações que possam transar com aquelas. Minha conversa começa à medida que não haja Sujeito, não haja Kant. Se não, o tempo todo, há na sua suposição um Sujeito já fazendo a transa, um Sujeito resolvendo os problemas. Não há, isso é mentira dos séculos passados.

- P – *Do ponto de vista freudiano, temos que considerar que topamos com algo que pode exceder as formações disponíveis para fazer a transa. É o caso do Trauma. Ele excede. Ao falar dele, já estamos abaixo, não entrará nas formações possíveis para descrevê-lo. No aparelho psíquico, um excesso de energia faz o trauma e, na sequência, a máquina vai repetir para tentar dar conta do impossível.*

Você está dizendo que a ignorância é traumática? Só há ignorância onde a ignorância se sabe. Uma pessoa boçal é crente, sabe tudo, não tem ignorância. Mas alguém realmente ignorante é aquele que topou com algo e entra em angústia por não saber

dizer do que se trata. Aí quer saber o que é por supor que lá haja algum circuito. O cientista passa décadas quebrando a cara, mexendo aqui e ali, cego por não ter ainda achado a formação que casará à outra. É aí que começa o circuito. Se não fizer a suposição de saber, o cientista nada achará, mas é uma suposição dentro de sua ignorância. Não tem transa ainda. A transa é com sua ignorância, a qual ele quer acabar, e não com aquilo com que se deparou.

• P – *Há também uma dificuldade com o sintagma “tudo é”. Estamos falando que tudo é formação, informação, circuito... Caímos no erro do Universal, quando se trata de algo performático, e não constativo. “Tudo é” é o escopo que se está estabelecendo para essa proposição. É uma ambição de abordagem, e não a constatação de que a realidade seja assim.*

Se fizer essa constatação, imediatamente aparecerá Sujeito e tudo que dele decorre.

• P – *Em A Rebelião dos Anjos (2007), você diz que “jamais saberemos decidir sobre o que se põe como Thesis senão o conduzindo heurísticamente à condição de Physis. Ou seja, se quisermos saber o que se põe como Thesis, não conseguiremos acrescentar esse conhecimento senão supondo que isso há dentro do Haver. Por outro lado, o que se possa saber como Physis só se consegue ao colocá-lo como Thesis. Assim sendo, nada sabemos de Physis senão como Thesis ficcional, assim como nada sabemos de Thesis senão como Physis ficcionada”. Há o esforço de*



*ficcionar a Physis, mas há a contrapartida que é dar realidade, alguma consistência à Thesis. Uma não dispensa a outra e enunciados muito genéricos precisam ser usados e articulados dentro dessa dinâmica.*

De repente, temos que tirar a palavra “tudo”. Mas ela não põe um Universal. Se digo “tudo que está sobre essas mesas aqui”, isto é algum Universal?

## 6

Da vez anterior, queríamos considerar os eventos teóricos e práticos dentro da psicanálise como algoritmos. Tirando a HiperDeterminação, num processo de transa entre as formações, temos o direito de considerar tudo capaz de ser reduzido a um algoritmo? Suponho que sim. Se chegarmos num limite, talvez com a HiperDeterminação, nos perderemos. A definição de circuito dada por Aristides há pouco é a definição de algoritmo, que é mais abrangente que o termo circuito. Então, reafirmo, tirante a suspensão possível na HiperDeterminação, posso considerar tudo como um algoritmo possível, que tem ordenação e uma sequência que não pode ser mudada, se não, o algoritmo muda.

Assim, se quiser considerar a emergência do algoritmo em sua maior abrangência para a constituição desta nossa espécie,

constituída que é de Primário, Secundário e Originário, onde ele há mais? Não é que não haja em outras espécies, e sim onde ele há mais em suas transas de mundo? Em que produções da espécie ele há mais explicitado, ao mesmo tempo talvez mais abstraído, mas levando em consideração suas emoções, etc.? Na **Música**. Trouxe três partituras para verem que, em todas as nossas produções, há uma que afeta diretamente os três registros da Tópica (Primário → Secundário → Originário). São algoritmos extremamente rígidos. Em 1982, fiz um Seminário intitulado *A Música*. Não consegui acertar bem daquela vez, vejamos se consigo mais agora. Lacan, depois de Freud, trabalhou, trabalhou, à procura de um modelo. Primeiro, foi ao modelo linguístico estrutural, que não deu certo. Se tivesse dado certo, pararia aí. Depois, procurou o modelo matemático topológico e se enrascou. Fez um monte de nós para, num de seus últimos seminários – *Encore* (1972-3, seção IX) –, dizer que “le truc analytique ne sera pas mathématique” (o truque analítico não será matemático). Ou seja, encerrou aí, sem saber. Então, pergunto eu: qual é **o truque psicanalítico**? E respondo: ele é **musical**.

Do ponto de vista da postura psicanalítica, o que interessa é a posição mística, de distanciamento do mundo, mas, no que lidamos com as formações, temos que ter ouvido para escutar a música. Qual música está tocando? Ou seja, escutamos a sequência das formações trazidas pelo analisando. Tentamos ver se há um algoritmo que possamos repetir e tocar a música dele.

Em seguida, é preciso de muito tempo de escuta para sacar qual é a *composição* dessa formação chamada analisando que ali está. **O que importa nas formações é serem uma composição.** Aliás, desde a escola primária, passamos a vida fazendo composição... E a coisa mais abstrata enquanto produção para pensar isso é a estrutura da música. Nela, temos as composições primárias e secundárias, e a originária talvez, com possibilidade de funcionar. Ao pensar a ideia de composição na música, entramos num campo complexíssimo. Tudo isso, dependendo de qual musiquinha somos capazes de ouvir. Vejam o que trouxe para verem. (Ia trazer Beethoven, mas eram dois volumes muito grossos). Uma partitura de Liszt, uma loucura em termos de composição sequencial, vertical, horizontal e só de piano: *Doze Estudos Transcendentais*. Espantoso é ele conseguir tocar isso. Outras partituras são do maluco do Johan Sebastian Bach: *A Arte da Fuga* (que intitulei meu Seminário de 2000) e *Uma Oferenda Musical*. Sua loucura é toda arrumadinha: instrumental, vocal... Trouxe de implicância, para ficarmos assombrados. É uma assombração imaginarmos a cabeça de um maestro regendo essa complexidade. O analista precisa justamente dessa cabeça.

Outras partituras que trouxe são dos três concertos de Rachmaninoff. Em 2014 (seção 6) já falei sobre ele e o ambiente neo-romântico. Só gosto do segundo e do terceiro concertos, e gosto mesmo é do segundo. Trouxe essas partituras para implicar com vocês, para que percebam como é a cabeça desses que se

sensibilizaram nos três regimes da Tópica, no Primário, no Secundário e no Originário. É terrível isto acontecer. Dizem que, na primeira apresentação da Nona Sinfonia, de Beethoven, que é algo divino, uma mulher da plateia teria enlouquecido. Nós já estamos acostumados, mas não era o caso na época. Levaram um susto. Quero que vejam a cabeça desse que compõe, que coloca as formações juntas e sequenciadas. Notem que não estou falando da transa do analisando com a música, e sim da música que ele transa. Trouxe também para vocês uma folha com outro tipo de escrita musical, diferente daquela das outras partituras. Várias foram inventadas depois. Aliás, quem escreveu sobre escritas musicais foi Abraham Moles, engenheiro acústico especialista em Comunicação, bastante famoso no Brasil nos anos 1970. Leiam seu *Musiques Expérimentales* (1961). Conheci-o, andamos pela cidade quando estive aqui. Ele estava tentando fazer com que entendessem o sumo da teoria da comunicação pela estrutura musical. Em meus primeiros Seminários eu colocava uma música antes e mesmo ao final. Eu fazia a suposição de aquelas músicas serem compatíveis com o que queria dizer.

Na verdade, ao lidar com algoritmos e composições de qualquer ordem, estamos lidando com composições sintomáticas. Antigamente, sabíamos que havia composição química, matemática, etc. Hoje, cabe continuar perguntando sobre como se arranja tal formação, quais são seus ingredientes. Como, de um analisando, destacar sua composição? Qual música ele toca?

- P – *É uma só ou são várias?*

Qual é a música de Beethoven? Não importa que tenha feito dezenas, pois ela fica evidente em todas as suas músicas. Ele tem alma própria. Se tivermos atenção, reconheceremos a música do analisando.

- P – *No que se rastreia essa música, operamos segundo ela?*

Não posso, em análise, ficar tocando a minha música. Esta, fiz minha análise para conhecer. É a diferença entre psicologia e psicanálise. O psicólogo quer ensinar sua música ao outro, ele é daqui para lá. A psicanálise é de lá para cá.

- AA – *Em outro momento, você falou em destacar a é pura de uma sintomática. É uma metáfora relacionada a algoritmo.*

Embora seja euclidiana, é uma boa metáfora. Qual projeto, qual planificação, lá está?

- P – *Hermeto Paschoal é alguém dedicado a essas ressonâncias musicais nas pessoas: voz, expressão... Uma vez, vi uma apresentação em que ele musicava a fala de alguém.*

Mesmo isso. O analisando está falando e podemos perceber sua melodia.

- P – *Lévi-Strauss dizia que música e matemática não têm sentido.*

Isso é asneira.

• P – *Quando você fala sobre escutar a música do analisando, parece que não se está escutando a significação do que está sendo dito.*

Está-se escutando tudo. É possível escutar a fala de uma pessoa. É o que Hermeto faz com clareza: conversa com você, vai ao teclado e toca a sua música. Você vê sua voz ali. Isto, quanto à voz e à fala, mas há o resto, que pode ser sinfônico. Há muitos instrumentos tocando, muitas formações falando junto. Numa análise, se retirarmos os personagens em jogo e colocarmos outros, será outra análise. O analista está se disponibilizando a acolher a música do outro, mas com quais formações ele faz isto? Qual é a transa? Ele vai tocar junto com o analisando.

• P – *Sempre fico assombrada com o efeito da música. É difícil rastrear os diversos níveis de afetação de que você falou. Parece-me que há falta de um modelo de compreensão disso. Isto, não só na música, mas também, por exemplo, no que se chama de psicossomática. Falta um modelo para entender a correlação de estados cerebrais e processos mentais.*

Não queiramos ser euclidianos. É preciso entender que é um jogo. Vocês estão vendo as partituras que eu trouxe, cheias de formiguinhas, de letrinhas. Isso é o que autor escreveu e, se tocou, tocou **do seu jeito**. Por isso, há a **interpretação**. Muda o maestro, a música muda. É como na análise: como o maestro escuta aquela música? Do jeito dele. Nietzsche, de pinimba, disse que jogava toda a obra de Wagner no lixo contra a *Carmen* de Bizet. Achava

interessante ele dizer isto, mas eu escutava e considerava *Carmen* algo meio esquisito, parecia música de circo – até ouvir uma gravação de Leonard Bernstein, em que ele diminuiu o andamento. Fiquei de boca aberta, pois era nitidamente outra música. Falo isto, para pensarmos sobre a interpretação.

• P – *Há aspectos que nos afetam que não são apenas primários. É uma comoção no Secundário que beira o choro.*

Em termos de produção musical, temos que pensar que, de modo geral, a música pretende afetar Primário, Secundário e Originário. Às vezes, é tão pobre e barata que só afeta o Primário. Qual é a pinimba de Schoenberg com toda a história da música? Chega de comoção! Vamos pensar! – diz ele, que queria fazer uma música estritamente para o Secundário, para a inteligência das pessoas. Não conseguiu, pois a música, ao soar, nos deixa emocionados. Em matéria de alta lucidez musical, eu diria que gosto de Webern, que é mais sensível fazendo o mesmo que Schoenberg. Este é meu gosto lá em cima, no Secundário. Em matéria de inteligência musical, meu gosto é Beethoven. Ele é muito inteligente e, ao mesmo tempo, afeta. E em matéria de comoção, gosto de Rachmaninoff, que é mal falado à beça. Ele afeta tudo de uma vez só. Como veem, há vários níveis de transa.

• P – *Muitas vezes, não conseguimos tirar uma música da cabeça.*

Acho que isto se deve à sua compleição (Primário, Secundário e Originário). A música afeta demais o Primário. Entramos numa comoção tal que nos estranhamos.

- P – *Na fala de um analisando, temos elementos constituintes, sua transa com a intensidade, seu modo de repetição (conteudístico e formal), e as variações...*

É o que fez Rachmaninoff sobre um tema de Paganini, variações lindíssimas. Uma delas é a trilha sonora do filme *Somewhere in Time*. Como o analisando faz variações em torno de um tema, Freud confundiu as variações com os temas. Deu nomes diferentes a neuroses que são apenas variações da Morfose Estacionária. Se reduzimos, é possível dizer que não importa a música que está tocando, pois é variação do Estacionamento.

- P – *E a ampliação de formações que a análise permite acontecer faz o quê?*

Um dia, a pessoa aprende a própria música e resolve tocá-la. Se a análise funciona, o analisando saca sua música e passa a tocar aquela que é a sua. Isto é a Cura: parar de tocar a música dos outros. Ele toma seu sintoma e faz um concerto, um concerto bonito. A maioria passa a vida cantando música dos outros.

- P – *Parafraseando Lacan que falava em bem dizer, trata-se de bem tocar seu sintoma.*

O sintoma da pessoa é grosseiro, fala besteira, mas se ela entender como é poderá fazer algo bonito com a mesma música. Alguém falava outro dia aqui sobre Lacan se referir à *transmissão*



*de um estilo*, que seria a transmissão do estilo de Lacan. Mas esta é a suposição do psicólogo. Ao contrário, o que se transmite em psicanálise é: estilo. Tenha estilo! Fale com as suas formações, e não com as dos outros. Isto porque não há outra coisa a fazer. O sintoma não vai embora, mas passa a ser, como dizia Lacan, bem dito. Trata-se de dizê-lo bem. É o que diz o artista. O ruim da formação religiosa – por exemplo, a freudiana, a lacaniana – é o pessoal permanecer repetindo sintoma do papa de sua igreja. Ou seja, não há transmissão alguma aí.